

Entre o dialogismo e a (in)comunicação: os ecos sociais nas inundações de 2024 no Rio Grande do Sul, Brasil¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Resumo

Considerando a Sociedade de Risco (Beck, 2011), este trabalho tem como objetivo compreender como a incomunicação e a comunicação (Wolton, 2024) fortalecem a auto-eco-organização (Morin, 2005) social diante de crises. O foco de análise são as inundações no Rio Grande do Sul, com ênfase na gestão da crise pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, especialmente no que diz respeito às orientações sobre o descarte de resíduos. No que se refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória (Gil, 2008), desenvolvida mediante levantamento bibliográfico e análise dos conteúdos online (Fragoso; Recuero; Amaral, 2012) disponibilizados na imprensa gaúcha e no X — antigo Twitter — da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Palavras-chave

Comunicação; Incomunicação e Acomunicação; Crises; Riscos; Inundações no Rio Grande do Sul.

À medida em que se vive a dimensão de sujeito, realizando interações, que produzem a sociedade; que (re)produz os indivíduos que a produzem, institui-se um viés identitário – retrato de um tempo histórico e social. Amparado em sua identidade, o sujeito age e se movimenta em um determinado contexto, situando-se em uma perspectiva por meio da palavra: é pela linguagem que ele entra em contato com o mundo e se auto-eco-organiza (Morin, 2005).

Os (re)desenhos possíveis a partir destas aproximações iniciais priorizam um pensamento questionador em relação às proposições simplistas e às certezas que se fecham em si mesmas e é nesta perspectiva que assumimos um olhar complexo (Morin, 2005), permitindo-nos dialogar com o (in)certo. Como complemento, adotamos uma abordagem que busca uma comunicação diálogo-relacional, tendo como base as contribuições de Wolton (2024). O autor (*ibidem*) propõe que a comunicação seja

¹Trabalho apresentado na Sessão Temática – Comunicação Pública e Comunicação de Risco, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Produzido por pesquisadoras que integram o Grupo de Pesquisa (CNPq) Crise, comunicação e cultura do cuidado.

compreendida como negociação, o que aponta para a complexidade e a nuance do fenômeno comunicativo em contextos relacionais. Para que essa comunicação relacional aconteça, o autor chama a atenção para duas perspectivas: a incomunicação, que resulta da constatação de que não nos entendemos facilmente e, a comunicação, termo que o autor define como o fracasso do diálogo. É a partir destas abordagens, amparadas em Morin (2005) e Wolton (2024), que buscamos compreender como a incomunicação e a comunicação (Wolton, 2024) fortalecem a auto-eco-organização (Morin, 2005) social diante de crises, tendo como foco as inundações no Rio Grande do Sul, com ênfase nas orientações da Prefeitura Municipal de Porto Alegre sobre o descarte de resíduos. Destacamos, ainda, que, diante dos eventos extremos, adotamos a perspectiva da Sociedade de Risco proposta por Beck (2011). Para o autor, a estrutura social não se define mais pela divisão clara de classes, mas pelo risco, um fator sutil e implacável gerado pelo avanço científico e do modo de produção sem restrições.

Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória (Gil, 2008), desenvolvida mediante levantamento bibliográfico e análise dos conteúdos online (Fragoso; Recuero; Amaral, 2012) disponibilizados na imprensa gaúcha e no X — antigo Twitter — da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. A partir desta perspectiva, abordamos as inundações no Rio Grande do Sul, Brasil, com foco no período de 23 a 26 de maio de 2024.

O cenário crítico daqueles dias foi em grande parte causado pelo intenso volume de chuvas registrado em 23 de maio de 2024, aliado ao acúmulo de entulho que obstruiu os bueiros da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, resultando em inundações em áreas que, até então, não haviam sido afetadas (GZH, 2024). Chama atenção que, apesar da previsão de chuvas para o dia 24 de maio, a prefeitura manteve a orientação para que os moradores depositassem resíduos nas ruas (Figura 1). Nesse intervalo, estavam sinalizados cinco alertas do Inmet, prevendo tempestades e queda de temperatura até 26 de maio, com novas chuvas programadas a partir de 27 de maio.

Figura 1 — Prefeitura orienta que moradores sigam descartando objetos na rua mesmo com previsão de chuva em Porto Alegre

— Podem continuar colocando (*os descartes nas calçadas*). Móveis e pequenos objetos (*de preferência*) ensacados. **Estamos orientando que ninguém mexa nesses resíduos. Muitos desses objetos estão contaminados.** Temos muito ferro enferrujado, muitos vidros quebrados
— destacou Carlos Alberto Hundertmarker, diretor-geral do DMLU em entrevista ao *Atualidade*, da Rádio Gaúcha.

Fonte: GZH (2024)

Em 26 de maio, a Prefeitura orientou a população a suspender o descarte de resíduos devido à previsão de chuva. Em publicações nas plataformas de mídias sociais (Figura 2), informou que, até a estabilização do clima, não deveria haver o depósito de lixo nas ruas, a fim de evitar o acúmulo de resíduos que poderiam ser levados pela água (GZH, 2024).

Figura 2 — Prefeitura orienta que moradores não sigam com o descarte de objetos na rua, após confirmação da previsão de chuva em Porto Alegre

"Com a previsão de chuva e vento forte, **é importante evitar acúmulo de resíduos que possam ser levados pela água.** Nossas equipes seguirão com a força-tarefa de limpeza nos bairros mais afetados", afirmou o comunicado da gestão municipal.

Na semana passada, em entrevista à Rádio Gaúcha, o diretor-geral do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), Carlos Alberto Hundertmarker, **havia orientado a população que limpava as residências após a enchente a seguir descartando os resíduos nas ruas.** A orientação, agora, foi alterada.

Fonte: GZH (2024)

A partir da análise das Figuras 1 e 2, concordamos com Wolton (2024) de que, há um risco de que quanto maior for a quantidade de informação, maior a incomunicação. A incomunicação, nesse contexto, é proporcional ao volume e à velocidade das trocas de informações, como evidenciado na divulgação de dados tecnológicos dispersos em plataformas diversas e com orientações contraditórias.

Tomando como referência a informação de GZH (2024), que relata o ativamento de alertas de tempestade pelo Inmet em 23 de maio e a subsequente orientação da prefeitura para que a população colocasse resíduos na rua, seguida pela suspensão dessa orientação em 26 de maio, é possível identificar o que Wolton (2024) define como *acomunicação*, sendo a ausência de comunicação. Nesse sentido, nossa reflexão

avança para compreender como, em situações como as inundações, a sociedade se auto-eco-organiza, dialogicamente (Morin, 2005), formando-se coletivamente como uma percepção compartilhada, fortalecida tanto pela incomunicação quanto pela comunicação (Figura 3).

Figura 3 — Evidências de comunicação



Fonte: X (antigo Twitter) Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2024)

Em um momento em que as evidências mostram que os riscos de chuva e tempestades foram negligenciados, a incomunicação se fortaleceu, manifestando-se em comunicação, o que levou a sociedade a se auto-eco-organizar. Um exemplo disso pode ser observado na expressão que se popularizou durante a crise: *o povo pelo povo* (Goulart e Oliveira, 2024). Dessa forma, compreendemos que, ao ser ignorado, o risco não só fortalece a incomunicação e a comunicação, mas também enfraquece a gestão da crise perante a percepção pública.

É importante destacar, ainda, que o recorte de conteúdos online, selecionados para esta análise, foram escolhidos por sua ampla circulação e representatividade em meio à crise das inundações no Rio Grande do Sul em 2024, além de repercussão na cobertura jornalística. Nossos achados, embora preliminares, indicam que esses *fragmentos* discursivos funcionam como catalisadores de sentidos conflitantes, revelando tanto tentativas de articulação dialógica quanto episódios de comunicação e incomunicação.

Assim, concluímos provisoriamente que as organizações, de qualquer natureza, precisam (re)considerar a sua existência a partir da realidade dos sujeitos sociais.

Acreditamos que essa perspectiva ganha sentido na contemporaneidade, uma vez que as organizações têm buscado formas eventuais de dialogarem com seus públicos, provocando, no mais das vezes, uma (re)organização do espaço/tempo voltada para a promoção de situações de (in)comunicação.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução: Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, Alexander; OLIVEIRA, Rosângela. **Espetáculo da incomunicação em contextos de crise – ressonâncias de o povo pelo povo nas enchentes de 2024 no Sul do Brasil**. Hermès Brasil, Porto Alegre, edição especial 2024, p. 91 - 98, 2024.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

REDAÇÃO, GZH. **DMLU orienta que moradores sigam descartando objetos na rua mesmo com previsão de chuva em Porto Alegre**. 24 mai. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/05/dmlu-orienta-que-moradores-sigam-descartando-objetos-na-rua-mesmo-com-previsao-de-chuva-em-porto-alegre-clwknmx3000v014x3etpydx5.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

REDAÇÃO, GZH. **Prefeitura de Porto Alegre orienta moradores a não colocar lixo nas ruas nos próximos dias**. 26 mai. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/05/dmlu-orienta-que-moradores-sigam-descartando-objetos-na-rua-mesmo-com-previsao-de-chuva-em-porto-alegre-clwknmx3000v014x3etpydx5.html>. Acesso em: 22 mar. 2025.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Incomunicação**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2024.